

HERÁCLITO DE ÉFESO

Uma interpretação à luz de Friedrich Nietzsche

HERACLITUS OF EPHESUS

An interpretation in the light of Friedrich Nietzsche

Amir Samir Badwan Huda¹

UNIOESTE, Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: amirsamirhuda@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4007-9588>.

Resumo: O saber filosófico entra em curso justamente em uma atmosfera onde acontece um diálogo espiritual sublime cujos grandes homens são, entre outros, Tales, Anaximandro, Heráclito e Parmênides, também conhecidos como pré-socráticos. Esses pensadores originários buscaram compreender a natureza do real. O tema a ser abordado neste texto é a resposta dada por Heráclito à questão acerca do princípio (*arché*) da *physis*. O pensar, despido do Mito, traz em si a seguinte questão: qual é o elemento imutável em meio às mudanças, afecções e transformações? Qual é o princípio que dá início a tudo e permanece como pano de fundo indispensável para a sustentação da realidade? Eis o horizonte de questionamento a partir do qual este texto é elaborado. O objetivo geral é delinear como se dá a passagem para a Filosofia, bem como apresentar, à luz de F. Nietzsche, a resposta de Heráclito àquelas perguntas. Os objetivos específicos são: a) meditar acerca do que é isto - a Filosofia; b) esclarecer a que tipo de questão, em essência, os primeiros filósofos se debruçaram, quer dizer, desde onde se dão suas formulações e cosmovisões; c) por fim, dizer qual lugar ocupa Heráclito nesse diálogo espiritual sublime entre os pré-socráticos e que cosmo-visão nos apresenta. O pensador de Éfeso conservou tão somente um mundo que “nada mostra de permanente, nada de indestrutível, nenhum baluarte no seu fluxo” (Nietzsche, 2002, p. 40) – em que sentido se dá esta afirmação? A relevância do presente estudo está na contribuição à reflexão acerca dos inícios do pensamento filosófico, portanto, grego. Os Manuais de História da Filosofia Antiga, geralmente, não se detêm com rigor às questões que parecem estar em jogo nesse âmbito de pensamento, culminando em falsas simplificações das ideias dos filósofos primordiais ou mesmo os considerando apenas como “primeiros cientistas”, “físicos”. A importância deste estudo, ainda que bastante lacônico, é mostrar que havia um pano de fundo que fundava os primeiros fragmentos filosóficos. Recorrer-se-á, para a realização das pretensões que competem ao estudo, principalmente, os próprios fragmentos textuais, e a interpretação interposta por Nietzsche no manuscrito *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos* (1873). Assim, espera-se ser possível concluir com o texto que: à época nascia, talvez pela primeira vez na história do Ocidente,

¹ Acadêmico do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista da Fundação Araucária pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Membro-voluntário do Programa de Educação Tutorial (PET).

uma genuína preocupação com a unidade da realidade. Espera-se, também, mostrar, para além da pseudo-noção de que os primeiros filósofos foram simples ingênuos desprovidos de ciência, que nesse modo de ser pré-socrático reina uma ousadia jamais vista, na qual pela primeira vez, em um universo tão heterogêneo, complexo e mutável, buscou-se anunciar um princípio ao qual todo o real estaria assentado, diz-se: *arché*.

Palavras- chave: Filosofia Antiga. Pré-socráticos. Princípio.

Abstract: Philosophical knowledge began in an atmosphere where a sublime spiritual dialog took place, the great men of which were, among others, Thales, Anaximander, Heraclitus and Parmenides, also known as the pre-Socratics. These original thinkers sought to understand the nature of reality. The theme to be addressed in this text is the answer given by Heraclitus to the question about the principle (*arché*) of *physis*. Thinking, stripped of Myth, raises the following question: what is the unchanging element in the midst of changes, affections and transformations? What is the principle that begins everything and remains the indispensable backdrop for sustaining reality? This is the questioning horizon from which this text is based. The general aim is to outline how the transition to philosophy takes place, as well as to present Heraclitus' answer to these questions in the light of F. Nietzsche. The specific objectives are: a) to meditate on what this is - Philosophy; b) to clarify what kind of question, in essence, the first philosophers addressed, that is, from where their formulations and worldviews originate; c) finally, to say what place Heraclitus occupies in this sublime spiritual dialog between the pre-Socratics and what cosmo-vision he presents to us. The thinker from Ephesus only preserved a world that “shows nothing permanent, nothing indestructible, no bulwark in its flux” (Nietzsche, 2002, p. 40) - in what sense is this statement made? The relevance of this study lies in its contribution to reflection on the beginnings of philosophical thought, and therefore Greek thought. Textbooks on the history of ancient philosophy generally do not rigorously examine the issues that seem to be at stake in this field of thought, culminating in false simplifications of the ideas of the early philosophers or even considering them only as “early scientists”, “physicists”. The importance of this study, albeit rather laconic, is to show that there was a background to the first philosophical fragments. In order to achieve the aims of this study, we will mainly use the textual fragments themselves, and the interpretation put forward by Nietzsche in the manuscript *Philosophy in the Tragic Age of the Greeks* (1873). Thus, we hope to be able to conclude from the text that: at that time, perhaps for the first time in the history of the West, a genuine concern with the unity of reality was born. It is also hoped to show, beyond the pseudo-notion that the first philosophers were simply naïve people devoid of science, that this pre-Socratic way of being reigned in a boldness never seen before, in which for the first time, in such a heterogeneous, complex and changeable universe, an attempt was made to announce a principle on which all of reality would be based, it is said: *arché*.

Keywords: Ancient Philosophy. Pre-Socratics. Principle.

INTRODUÇÃO

As meditações que aqui se encontram sintetizam em algum grau as inquietações do autor ao longo de um semestre. O texto foi redigido sob inspiração das suas leituras e reflexões provenientes, bem como a partir das aulas de uma disciplina da graduação, cujo valor para a minha formação em História da Filosofia Antiga é incalculável. Trata-se da disciplina “O pensamento dos antigos e a interpretação dos contemporâneos”, ministrada pelo Prof. Dr. Stefano Busellato. Ao longo do trabalho semestral, pensou-se um problema desde o qual os primeiros filósofos gregos apresentaram suas respostas. A pergunta acerca da verdadeira natureza do real, ou, em termos propriamente gregos, o princípio (*arché*) do real (*physis*), constitui o aspecto central da discussão.

Os manuais de História da Filosofia Antiga reduzem demasiadamente o pensamento dos pré-socráticos quando não os consideram como simples físicos e primeiros cientistas. Está longe das pretensões deste pequeno texto solucionar as lacunas deixadas na interpretação. De outro modo, queremos dar ensejo a novas maneiras de olhar para aquele lugar de pensamento tão distante, onde surge a Filosofia. O pensar, despido do Mito, traz em si a seguinte questão: qual é o elemento imutável em meio às mudanças, afecções e transformações? Qual é o princípio que dá início a tudo e permanece como pano de fundo indispensável para a sustentação da realidade? *Arché* diz isto - o começo que não abandona o começado!

Desde esse horizonte, queremos, em particular, preocuparmo-nos com a resolução de Heráclito de Éfeso à luz da interpretação de Friedrich Nietzsche. Com razoável segurança, pode-se dizer que qualquer trabalho dedicado aos primeiros gênios gregos está fadado a recair necessariamente em um domínio: é necessário ler os antigos à luz da esfera dos contemporâneos. Longe de ser um fracasso, é a única possibilidade a partir da qual os antigos gregos ainda possam falar e sua voz ressoar, é claro, na medida em que nossos ouvidos modernos conseguem ouvir. Acreditamos encontrar no contemporâneo Friedrich Nietzsche as interpretações mais adequadas segundo nossos interesses filosóficos. Vale notar, assume-se com isso uma posição em que não se procura neutralidade, mas, antes, a adoção definida e clara de uma postura teórica capaz de fazer valer este escrito que respeita as necessidades preferidas de quem escreve, com o filtro imprescindível a toda e qualquer tentativa de interpretação. Eis o filtro adotado aqui: a interpretação do filósofo alemão contemporâneo Friedrich Nietzsche.

Mas não apenas. Queremos também investigar, nos próprios fragmentos do filósofo de Éfeso, possíveis respostas àquela pergunta. Para tanto, julgou-se razoável apresentar o contexto em que Heráclito aparece, colocando-o em discussão com Tales e Anaximandro. Sabemos que haveria ainda outros caminhos, como incluir nesse diálogo o velho Parmênides. No entanto, coube

aos limites deste texto esse horizonte já indicado. Caso optássemos por fazer um “panorama geral” dos pré-socráticos, é dispensável arrazoar que incorreríamos nas mesmas carências dos chamados manuais de Filosofia.

Destarte, este texto cumprirá seu objetivo maior ao fazer valer a compreensão de que à época nascia, talvez pela primeira vez na história do Ocidente, uma genuína preocupação com a unidade da realidade. Certamente estamos muito à frente dos gregos antigos em termos de avanço científico e tecnológico. Que diria Heráclito acerca da inteligência artificial, com suas palavras temperadas de obscuridade, até mesmo de maldade para com os que preferem palha a ouro, os que acordados estão dormindo - diria algo sobre nosso destino, nossa fatalidade? Suportemos com o coração impávido! O espanto (*thaumázein*) fez valer um novo *páthos* frente ao real. De tal maneira que a própria realidade passou a ser vista enquanto tal, enquanto realidade, agora como objeto de questão. Razão pela qual se passou a perguntar sobre ela, sua natureza, sua *arché*. Nesse modo de ser pré-socrático, reina uma ousadia jamais vista, na qual pela primeira vez, em um universo tão heterogêneo, complexo e mutável, buscou-se anunciar um princípio – quanta ousadia! Compreendemos isto? O que nossos ouvidos e olhos modernos são capazes de ouvir e ver? Façamos um teste!

DA PASSAGEM DO MITO À FILOSOFIA

A fim de demarcar, mais precisamente, o campo próprio da filosofia, recorrer-se-á às palavras de Aristóteles, que afirma o seguinte no primeiro livro da obra *Metafísica*: a filosofia é “uma ciência que estuda os primeiros princípios e causas” (Aristóteles, 2008, p. 12). A partir dessa delimitação, a filosofia adquire um lugar próprio, já bem distinto do campo de significados do Mito, à medida em que ela se constitui como uma competência destinada a perscrutar a essência das coisas, que investiga não a superfície, mas antes o núcleo do ente, ou, para manter o modo de dizer de Aristóteles, a filosofia perscruta o subjacente. Aquilo que subjaz às coisas chama-se sua essência, que nunca se oferece de imediato sem antes ser objeto de profunda investigação. E a filosofia, ao analisar o ente, vislumbra sua essência. A partir dessa concepção, aproximamo-nos do intuito fundamental dos filósofos primordiais.

Na busca por “uma certa natureza, ou uma única, ou mais de uma, da qual viriam a ser as demais coisas, preservando-se ela mesma” (Aristóteles, 2008, p. 14), Tales de Mileto, o iniciador da filosofia, “afirma que é a água [o princípio de todas as coisas]” (Aristóteles, 2008, p. 14). Ora, a tomar como fio condutor aquela definição de filosofia, a saber, que ela é uma sabedoria que perscruta a essência dos entes, o que surge aqui, em Tales, é uma resposta segundo a qual a água

corresponderia à essência de tudo. Vale notar que essa afirmação contém um tom de anúncio, como se Tales houvesse ficado recluso por um longo período a analisar as estruturas da realidade – de tal forma que chega a uma conclusão acerca do que subjaz às coisas: é a água o princípio que não abandona o começado – isto é, propriamente, a *arché*.

É digno de nota pensar acerca do que pode ter acontecido precisamente naquele intervalo entre o Mito e o nascimento da filosofia. Os fragmentos dos filósofos primordiais constituem um feito. São o resultado que herdamos de um salto do discurso mítico para o discurso a respeito dos primeiros princípios e causas. Todavia, devemos também pensar acerca de qual foi o modo pelo qual se chegou ao feito, isto equivale a dizer, que tipo de pergunta ou postura esteve a guiar esses pensadores. Porque não é razoável crer que não houve certas condições e não outras que lhes permitiram chegar às conclusões que chegaram. Assim, antes de interpretar o resultado herdado do salto dado, olhemos para o fazer, para o *páthos*, a postura frente ao real, desde a qual se chegou às primeiras conclusões filosóficas sobre a *physis*. No *Teeteto*, Platão explica que o *thaumázein* é o verdadeiro *páthos* do filósofo. O espanto predomina e impera para que seja possível reivindicar explicações que deem conta da realidade que passa a se apresentar como objeto de admiração, espanto. Nesse sentido, o espanto é a *arché* da filosofia, porque não apenas dá início a ela como também deve imperar no filósofo a todo instante, sendo o motor indispensável para que haja meditação filosófica (Platão, 2001, p. 55).

Em *O nascimento da filosofia*, Giorgio Colli propõe que o “sábio não é o rico em experiências, o que sobressai em habilidade técnica, destreza, expedientes, tal como ocorre na idade homérica”, razão pela qual Odisseu não é um sábio, mas, sim, “sábio é quem lança a luz na obscuridade, desfaz os nós, manifesta o desconhecido, determina o incerto” (Colli, 1996, p. 11). A designação grega *φιλοσοφία* compõe-se a partir de *σοφία* e *φίλος*, ou seja, a partir de sabedoria e amor. Desse modo, o sábio, em um compromisso conjugal com o conhecimento, dedica-se com “amor” ao seu objeto de estudo, perseguindo-o até desvendar o incerto. Amor, aqui, não equivale a um sentimentalismo, mas sim a uma força motriz que, como o espanto, impera no filosofar em busca de desfazer os nós mostrando o princípio ao qual a realidade está assentada – diz-se: a *arché* da *physis*. O amor ao saber ou a amizade com a sabedoria e o espanto diante da realidade principiam a filosofia, constituindo, portanto, sua *arché*.

OS FILÓSOFOS PRIMORDIAIS

Com a República dos Gênios, o saber filosófico propriamente entra em curso. Essa atmosfera é um diálogo espiritual sublime cujos grandes homens são, entre outros, Tales,

Anaximandro, Heráclito e Parmênides. Esses pensadores originários buscaram compreender, ou melhor, perscrutar, para lembrarmos daquele léxico aristotélico, a natureza do real. Nietzsche, em seu manuscrito dedicado a interpretar as grandes personalidades pré-socráticas, reconhecendo os limites da linguagem, que é raquítica e insuficiente à medida em que traduz a apreensão de mundo, em a *Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, avalia que no fundo a intuição de Tales é unívoca: “Tales vislumbrou a unidade do ente; e quando a quis comunicar, falou da água!” (Nietzsche, 2002, p. 32). O filósofo alemão insinua que, embora o pensador de Mileto tenha falado em água, sua intuição original atribuiu ao real um fundamento que nele impera como princípio (*arché*), a água, isto também quer dizer, o um. A despeito da água estar ou não correta; a despeito das críticas que irão lhe insurgir depois, como a de Hegel que rejeita a água por esta ser um particular com pretensões de universalidade - “a diferença mesma deve ser de natureza universal”², brada Hegel; é inegável, porém, que aquela proposição diz a unidade do real.

Após Tales aparecerão outros pensadores em certa medida tributários de sua anunciação, como herdeiros que pretendem levar a cabo a tarefa de desvelar o princípio do real. Anaximandro afirma que o *ápeiron* (o indeterminado) é a matriz de todas as coisas. Parece haver aqui uma ruptura no sentido de confrontar o pensador de Mileto denunciando seus limites: como pode a água, matéria determinada, ser o princípio de todas as coisas? Nesse caso, dever-se-ia perguntar: e o princípio da água? Talvez Tales ficasse calado. Por outro lado, Anaximandro possui razões. É preciso, diz ele, conceber a esfera do fundamento como algo sem determinações, isto é, o indeterminado. Sendo assim, não ocorre o problema acerca da causa do princípio pois, sendo indeterminado, portanto isento de atributos determinados, não é causado por nada que lhe antecede, nem tampouco constituído pelas mesmas razões das coisas que são do reino da multiplicidade e determinação.

Além de salvar o princípio colocando-o em um abrigo metafísico, Anaximandro é, aos olhos de Nietzsche, o primeiro pensador pessimista da História da Filosofia. De Anaximandro, sobrou-nos apenas um fragmento, cuja tradução é feita por Nietzsche: “De onde as coisas tiram a sua origem, aí devem também perecer, segundo a necessidade; pois elas têm de expiar e de ser julgadas pelas suas injustiças, de acordo com a ordem do tempo” (Nietzsche, 2002, p. 33). Nesse pequeno, mas produtivo excerto, vê-se soar uma atmosfera pessimista. Nele, a vida figura como um erro, uma injustiça que apenas será expiada com a morte.

Faz lembrar do antigo discurso assombroso acerca da existência, venerado entre os gregos antigos, que Nietzsche apresenta em *O nascimento da tragédia*. Reza a lenda que o Rei Midas,

² Cf. *Os Pré-Socráticos*, 1973, p. 15-16.

certa feita, ansiava pela resposta à pergunta “O que é o melhor para os homens?”. Sileno, o sábio embriagado da floresta, fora procurado incansavelmente pelo interrogador Midas. Este, quando o encontrou, enfim fez aquela valiosa e estimada pergunta. O sábio, relutando em responder, após insistentes solicitações de Midas, a seguir revelou: “o melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer” (Nietzsche, 2003, p. 36).

Destarte, para Anaximandro, a vida é um erro devido ao rompimento do princípio original, que ao prover o devir se fragmenta no âmbito da multiplicidade, das coisas determinadas. O nascimento é uma injustiça, e para que haja novamente justiça se deve retornar ao princípio mediante o perecimento.

A RESOLUÇÃO DE HERÁCLITO A PARTIR DE F. NIETZSCHE

Heráclito de Éfeso surge nesta “noite mística que envolvia o problema do devir de Anaximandro” (Nietzsche, 2002, p. 39). Ouçamos as intuições heraclitianas nas palavras de Nietzsche:

Onde domina a injustiça, depara-se com o arbitrário, a desordem, a irregularidade, a contradição; mas onde só reinam a lei e a *diké*, filha de Zeus, como neste mundo, como poderia aí vigorar a esfera da culpa, da expiação, da condenação e, por assim dizer, o lugar de suplício de todos os condenados? (Nietzsche, 2002, p. 39).

Se com Anaximandro a existência era compreendida como uma injustiça a ser expiada pela morte - uma espécie de punição em decorrência do nascimento e, por conseguinte, rompendo a natureza indeterminada do princípio em favor do surgimento das coisas determinadas - agora, em Heráclito, tal mundo do devir não encontra nenhuma injustiça no caminho. Heráclito nega a dualidade de dois mundos completamente diferentes (a esfera do indeterminado e a das coisas determinadas), isto é, os domínios metafísico e físico, respectivamente. É disso que ele parece falar no fragmento 30: “este mundo, o mesmo de todos, nenhum deus, nenhum homem o fizeram, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 88). No entender de Nietzsche, Heráclito conservou tão somente um mundo que “nada mostra de permanente, nada de indestrutível, nenhum baluarte no seu fluxo” (Nietzsche, 2002, p. 40). Nesse sentido, observamos que no interior dessa interpretação simplesmente não há espaço para entidades fixas. A *arché* heraclitiana não pode incorrer em conceitos que expressem de alguma maneira um viés rígido frente ao eterno fluxo de *devir*.

Vejamos como Heráclito concebe o devir através de uma figura que utiliza no fragmento 6: “o sol não apenas [...] é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 86). No fragmento 91, atribuído a ele pelos heraclitianos, expressa-se a ideia de devir por meio de outra metáfora: “em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo [...], nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 94). Em novas palavras, esses dois fragmentos contêm uma explicação metafórica, nos quais vislumbra-se que a essência total do mundo – se é que não constitui erro grave usar esta expressão! – é apenas atividade, movimento, mudança, impermanência, fluxo etc.

A prova disso também aparece na interpretação que Nietzsche faz em relação à linguagem que se usa para dizer as coisas. No uso das palavras e dos conceitos, reside um engano imperceptível à vista curta do homem, porque ele usa “os nomes das coisas como se tivessem uma duração fixa; mas até o próprio rio, no qual entrais pela segunda vez, já não é o mesmo que era da primeira vez” (Nietzsche, 2002, p. 40). E mais, radicalizando a interpretação, o próprio ente já não é o mesmo quando entra pela segunda vez em um rio que, por sua vez, também não é mais o mesmo. Agora podemos entender o que à primeira vista parece ser mera obscuridade: “nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 90).

O Obscuro de Éfeso é o pensador dos contrários, mostrando-se hostil à razão com prazer em contradizê-la. Em seus fragmentos, “joga” amiúde com os opostos fazendo com que se harmonizem, estejam juntos, muito embora Aristóteles o teria julgado no tribunal da razão sob acusação de pecado contra o princípio da não-contradição. A palavra “jogo” recebe destaque exatamente porque, para Heráclito, a vida é uma criança inocente brincando, que ora destrói seu castelo de areia, ora o constrói novamente. Nisso não há motivos para culpa, diferentemente da concepção de Anaximandro. Do mesmo modo que não se culpa uma criança inocente por ter destruído o castelo de areia de seu colega, assim também deve ser quanto aos contrários em relação de disputa. Pois, onde só reinam “a lei e a *diké*, filha de Zeus, como neste mundo, como poderia aí vigorar a esfera da culpa, da expiação, da condenação e, por assim dizer, o lugar de suplício de todos os condenados?” (Nietzsche, 2002, p. 39).

À *arché* de Heráclito, que é somente atividade sem trégua, podemos acrescentar uma característica notável: o *polemos* compreendido como conflito, disputa, luta etc. Nas palavras do Obscuro de Éfeso, “o combate é de todas as coisas pai, de todas rei [...]” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 90). Ou, ainda, “o deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome; mas se alterna como fogo [...]” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 67). É interessante observar neste fragmento que os contrários não estão separados. Trata-se de uma e a mesma coisa.

Esclarecedora é a analogia ao círculo no fragmento 103, a saber, que “comum é princípio e fim em periferia de círculo” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 95).

Ao *logos* em Heráclito, Nietzsche parece não conferir atenção. No entanto, constitui um aspecto bastante importante para compreender a concepção filosófica do pensador dos contrários. Veja-se o que diz o primeiro fragmento: “deste *logos* [...] os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido” e “a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 85). O que diz o *logos* de Heráclito? Diz o seguinte: “do *logos* tendo ouvido é sábio homologar tudo é um” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 90). O problema é que “os homens vivem como se tivessem uma inteligência particular” (Heráclito *in*: Pré-socráticos, 1973, p. 85), fechados em sua eterna falsificação da realidade, sem perceber que o *logos* diz que o uno é o múltiplo, por assim dizer, na mesma medida em que um ponto de um círculo é ao mesmo tempo o princípio e fim, ou melhor, princípio fim.

Eis que Heráclito, nas palavras do jovem filósofo alemão, na tarefa de anunciar o “fundamento” (esta palavra é meramente retórica, pois, não é possível admitir qualquer noção que implique fixidez nesta interpretação) do real, apresenta o que entenderia por “*arché*”: “a essência total da realidade é só atividade e que para ela [a realidade] não há outro modo de ser” (Nietzsche, 2002, p. 41).

O ensinamento de Heráclito é, sem dúvidas, “uma ideia terrível e atordoadora”, que provoca algo parecido a um “tremor de terra”, fazendo com que o homem, ao se deparar com ela e ver o sentido que tem, o lugar grego do qual é pronunciada, perca sua “confiança que tem na terra firme” (Nietzsche, 2002, p. 42). Já o vulgo, é verdade, com sua vista curta, julga ver entidades fixas, algo de rígido, acabado e constante. No entanto, o que não pode ver, a não ser treinando sua visão para que ela enxergue a verdadeira realidade, afinal, a verdadeira realidade ama esconder-se tal como afirma Heráclito no famoso fragmento 123 (Cf. Pré-socráticos, 1973, p. 97), é que, em todo instante, “a luz e a sombra, o doce e o amargo estão juntos e ligados um ao outro como dois lutadores, dos quais ora a um, ora a outro cabe a supremacia” (Nietzsche, 2002, p. 42). A multiplicidade converge em unidade – o uno é o múltiplo. Neste diálogo espiritual sublime, Heráclito brada a Anaximandro que a justiça eterna, garantida pela *diké*, consiste precisamente na luta incansável sem trégua entre os contrários. Nisto consiste a justiça. Não há culpa a ser expiada.

O pensador de Éfeso talvez tenha sido a voz de seu tempo, razão pela qual devemos reconhecer seu mérito por reunir em si o modo de ser grego, porque transferiu para a sua visão de mundo o espírito agônico dos gregos, ávido por competição nas praças e nos ginásios. Assim, pôde chegar a conclusões como esta, nas palavras de Nietzsche: “as próprias coisas que a inteligência

limitada do homem e do animal julga sólidas e constantes não têm existência real, não passam do luzir e do faiscar de espadas desembainhadas, são o brilho da vitória na luta das qualidades opostas” (Nietzsche, 2002, p. 43). Portanto, a prevalência de aspectos aparentemente consolidados não passa do resultado de um conflito no qual o aspecto saliente se consagrou vencedor. De sorte que o conflito, em razão de ser infundável, garante novos vitoriosos que submeterão sob seu domínio aqueles que outrora lhes haviam subjugado. Desse modo, à guisa de conclusão heraclitiana, no verão o calor prevalece porque no conflito com o frio se sobressaiu – de sorte que o frio terá sua vez, pondo sob a força de sua espada o calor, para, assim, garantir nossa apreciação do inverno!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos nítido que a Filosofia, despida da imaginação homérica e dos discursos mitológicos, tem seu curso efetivamente iniciado à medida que a “pergunta do dia” entre os gregos se torna: “qual é a natureza do real?”. Heráclito, de maneira radicalmente contraintuitiva, após perscrutar a natureza das coisas, conclui que a “essência” delas é apenas atividade sem fim, sem descanso e sem trégua. Nessa atividade, os contrários não apenas lutam separadamente, como também convergem em uma coisa só (lembramos que deus é dia noite, inverno verão e assim por diante). As qualidades opostas, lutando entre si, rompem qualquer fronteira que as separe quando, por exemplo, o próprio juiz se torna um dos lutadores e estes passam a julgar a si próprios – tal é o ímpeto garantido por *polemos*. Como resultado da disputa, um dos oponentes deve se sobressair, o que não significa que seu adversário também não esteja presente, embora esteja ofuscado pelo brilho da vitória do lutador vencedor.

Por isso, se o *logos*, a inteligência universal heraclitiana, anuncia-se na afirmação de que tudo é um, isto significa dizer, em última instância, que o um é constituído pela multiplicidade. E esta, por sua vez, converge na unidade das coisas sujeita a fluxo contínuo de atividade, em que ora uma, ora outra coisa se mostra. Assim, a natureza da realidade é constituída pelos contrários. Nesse sentido, não há problema em afirmar que existe uma *arché* em Heráclito, desde que seja compreendida como contrariedade, multiplicidade, disputa e eterno movimento, pelo que parece, neste diálogo espiritual sublime, distanciar-se de seus colegas de investigação sob uma perspectiva radicalizada acerca da estrutura do real. Será que conseguimos compreendê-lo? Ele nos solicitaria a arte de ver com outros olhos, haja visto que a verdadeira natureza ama esconder-se.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livros I, II e III. Tradução: Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2008.

COLLI, G. *O Nascimento da Filosofia*. Tradução: Federico Carotti. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

NIETZSCHE, F. W. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Tradução: Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 2002.

NIETZSCHE, F. W. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Tradução: J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HERÁCLITO. *In: Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores).

PLATÃO. *Teeteto - Crátilo*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

Recebido em: 12/02/2025.

Aprovado em: 14/07/2025.